

## DA SINGULARIDADE À UNIVERSALIDADE NA PRÁTICA DOCENTE: NATUREZA E SIGNIFICADO DA IDENTIDADE INSTITUCIONAL COLETIVA

*Luzia Alves de Carvalho*

Diretora Acadêmica do CENSA e do ISECENSA  
Coordenadora do Curso de Pedagogia do ISECENSA  
luzia@censanet.com.br

### RESUMO

*Da Singularidade à Universalidade na prática docente: natureza e significado da identidade institucional coletiva*, retrata uma pesquisa realizada no Centro Educacional N.S. Auxiliadora – CENSA, em Campos dos Goytacazes/RJ. Teve como objetivo analisar e explicitar o processo que constituiu e mantém a identidade institucional coletiva de sua equipe de professoras da Educação Infantil e das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Considerando que o objeto de estudo é uma realidade complexa, dinâmica, multifatorial priorizei a metodologia qualitativa, por ser mais adequada à observação, registro e análise de interações interpessoais e intersistêmicas. Como instrumento para viabilizar esta pesquisa, utilizei o programa *QualiQuantSoft*, que possibilitou a construção dos Discursos dos Sujeitos Coletivos (DSC), a partir das falas de diferentes entrevistados reunidos em grupo focal - professoras atuais e da década de 70, coordenadoras pedagógicas, mães e/ou avós de alunos e grupo de juízes (pessoas neutras). Esses Discursos organizados em categorias ou operadores se constituíram em posicionamentos sobre o tema em questão. Elaborados e agrupados em rubricas digitais e operadores analógicos, os DSC tornaram-se representações icônicas do pensamento coletivo. A partir desses Discursos como “soma qualitativa”, foi-me possível analisar o processo constitutivo da identidade institucional coletiva do grupo de professoras, objeto da pesquisa e captar a riqueza heurística de suas vivências profissionais cotidianas. A tese aponta fortes indicadores de que, apesar da visão um tanto caótica da formação de professores na América Latina e no Brasil, reflexo de um mundo fragmentado, individualista, no qual o risco ameaça a vida, a utopia continua a alimentar o sonho de uma “comunidade de sentido”, que a própria escola pode sinalizar. Escola, entendida como nicho ecológico, na qual as identidades se constituem individual e coletivamente, pela tipificação de crenças, valores, princípios – frutos de utopia, carisma e missão. A dimensão utópica da formação da equipe de professoras da escola se expressa nas identidades docentes com forte sentido de pertença, identificadas coletivamente, unificadas mas não uniformes, originais, criativas, em devir contínuo. O utópico, na formação de professores, é visto, na tese, como realidade aberta para o mundo, algo que ultrapassa o curso natural dos acontecimentos, possibilidade objetiva. É a “arquitetura da esperança” realizando-se nas pessoas e com as pessoas, que viabilizam sonhos urdidos na cotidianidade do real. Ficou evidenciado na pesquisa, que há no CENSA, o que denominei de “sonho-utopia”: comunidade educativa que procura ir além dos próprios limites, buscando ultrapassar dicotomias como singular-universal, parte-todo, eu-nós, indivíduo-sociedade, em seu processo de formação de professores. Dessa forma, o pólo heurístico, em relação ao qual o processo de constituição da identidade institucional coletiva da equipe de professoras foi analisado, está além das pessoas individualizadas; situa-se no processo mesmo da formação docente. Não prescindindo dele, mas justamente a partir dele, teoriza uma prática singular, evidencia a universalidade de um processo social e extrai de sua facticidade objetiva o significado subjetivo da experiência vivida pela comunidade docente na construção de sua identidade institucional coletiva.

**Palavras-chave:** sonho-utopia; formação de professores; profissão docente; identidade institucional coletiva; singularidade; universalidade.

### RESUMÈN

*De la Singularidad a la Universalidad en la práctica docente: naturaleza y significado de la identidad institucional colectiva* es el resultado de una investigación realizada en el Centro Educacional Nuestra Señora Auxiliadora (CENSA) en Campos dos Goytacazes/RJ (Brasil). Su objetivo ha sido analizar y explicitar el proceso que constituyó y mantiene viva la identidad institucional colectiva de su equipo de profesoras de Educación Infantil y de los Niveles Iniciales de la Enseñanza Fundamental. Considerando que el objetivo del estudio es una realidad compleja, dinámica y multifactorial, di prioridad a la metodología cualitativa, por ser la más adecuada para la observación, registro y análisis de las acciones interpersonales e intersistêmicas. Y como instrumento técnico, utilicé el programa *QualiQuantSoft*, que me permitió construir los Discursos de los Sujetos Colectivos (DSC), a partir de las palabras de las diferentes personas encuestadas

reunidas en grupo – profesoras actuales y de la década de los 70, coordinadoras pedagógicas, madres y abuelos de alumnos y grupos de personas más neutrales. Esos Discursos, organizados en categorías u “operadores”, se constituyeron en posicionamientos sobre el tema en cuestión. Elaborados y agrupados en “rúbricas digitales” y “operadores analógicos”, los DSC se convirtieron en representaciones icónicas del pensamiento colectivo. A partir de esos Discursos, como de una “suma cualitativa”, me fue posible analizar el proceso constitutivo de la identidad institucional colectiva del grupo de profesoras, objeto de la investigación, y captar la riqueza heurística de sus vivencias profesionales cotidianas. La tesis constata fuertes indicios de que, a pesar de la visión un tanto caótica de la formación de profesores en América Latina y en Brasil -reflejo de un mundo fragmentado, individualista, en el cual el riesgo amenaza la vida- la utopía sigue alimentando el sueño de una “comunidad de sentido”, que la propia escuela puede alimentar. La escuela entendida como nicho ecológico, en el cual las identidades se construyen individual y colectivamente, por la tipificación de creencias, valores y principios, frutos de la utopía, del carisma y de la misión. La dimensión utópica de la formación del equipo de profesoras de la escuela se expresa en las identidades docentes con fuerte sentido de pertenencia, identificadas colectivamente, unificadas pero no uniformes, originales y en continuo devenir. Lo utópico, en la formación de profesores es visto como una realidad abierta al mundo, algo que sobrepasa el curso natural de los acontecimientos, como posibilidad objetiva. Resulta evidente de esta investigación que hay en el CENSA lo que denomino “sueño – utopía”: una comunidad educativa que busca ir más allá de los propios límites, intentando superar dicotomías como singular-universal, parte-todo, yo-nosotros, individuo-sociedad, en su proceso de formación como profesoras. De esta forma, el polo heurístico, en relación al cual he analizado el proceso de constitución y de construcción de la identidad institucional colectiva del equipo de profesoras, está más allá de las personas individuales; se sitúa en el proceso mismo de la formación docente. No prescindiendo de él, sino justamente a partir de este polo, la tesis teoriza una práctica singular, evidencia la universalidad de un proceso social y extrae de su facticidad objetiva el significado subjetivo de la experiencia vivida por la comunidad docente en la construcción de su identidad institucional colectiva.

**Palabras clave:** sueño-utopía; formación de profesores; profesión docente; identidad institucional colectiva; singularidad; universalidad.

## Introdução

Em tempo de modernidade líquida, em que tudo parece efêmero, em que as identidades parecem também diluir-se com a quebra de valores e estruturas, faz sentido repensar a formação contínua de professores sob novas perspectivas. Para isso fizemos, inicialmente, uma incursão nos meandros da sociedade contemporânea, desvendando suas características e mais especificamente, a mudança desse processo social que Lipovetsky (2004b) chama de hipermodernidade. A seguir, buscamos captar o movimento que vem constituindo o mundo pós-moderno metaforizando-o como uma passagem do estranhamento à comunidade de sentido.

Para novos tempos faz-se necessário nova educação e conseqüentemente um novo professor. Nesse sentido projetamos esse trabalho orientado pelo seguinte questionamento: *Que formação se faz necessária à construção da nova identidade profissional docente capaz de criar comunidades de referência e de destino?*

Trabalhando em curso de Pedagogia, com alunas-professoras, que voltam à escola para realização de seu curso superior, percebi em suas falas o isolamento que sentem no exercício do magistério e a necessidade de um trabalho unificado e coeso. Isso fez-me refletir sobre meu próprio trabalho de formação docente com uma equipe de professoras da Educação Infantil e dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, de uma escola particular de ensino. Curiosamente percebi que essas professoras constituem uma equipe docente coesa, com identidade institucional coletiva.

Curiosa quanto à constituição dessa equipe docente, interroguei-me, a modo de hipótese inicial: a constituição dessa identidade institucional coletiva seria resultado da soma de valores individuais, ou ao contrário, resultaria de um processo que se faz e se mantém historicamente?

Se a princípio, consideramos que é resultado de um processo, por que não teorizá-lo e extrair dele seus elementos constitutivos, princípios e natureza, para captar na sua praticidade objetiva o significado subjetivo da experiência vivida pelas professoras na construção da sua identidade institucional coletiva? Esse seria um modo de contribuir para mais uma alternativa à formação dos professores.

O trabalho teve como objetivos: analisar esse processo de formação das professoras; levantar os elementos que o constituíram; o que mantém essa identidade coletiva, e repensar o processo de formação de professores, em geral, a partir da experiência vivida por essa equipe docente.

A Instituição à qual pertencem as professoras - campo de nossa pesquisa - é uma organização civil, particular, de caráter educacional, cultural e filantrópico, sem fins lucrativos. Crê que o político é horizonte do pedagógico, que toda educação projeta um tipo de homem em vista de um tipo de sociedade sonhada. Fundamenta-se nos princípios educativos do pedagogo Giovanni Bosco<sup>1</sup>, que continua a escrever-lhe a história como espaço democrático no qual são administrandas as diferenças, valorizado o entendimento, a construção da paz e a vivência da solidariedade. No *horizonte antropológico* da reciprocidade, essa escola assume uma proposta efetiva de *educação para a autonomia responsável* dos alunos. Oferece condições para que os educandos desenvolvam a *criatividade*, o *senso crítico*, o *espírito de pesquisa*, a *autonomia intelectual e moral*, a *abertura* e a *flexibilidade* frente aos desafios do cotidiano. Ajuda-os a *interpretar a realidade*, ressignificar os conteúdos, vivenciar a relação teoria-prática no processo de construir-desconstruir o conhecimento, bem como realizar ações concretas para o crescimento de sua própria pessoa e da comunidade à qual pertencem. Oportuniza a experiência da vida como festa, pela vivência do *espírito de família*, que é o oxigênio de sua pedagogia do fundador do sistema educativa salesiano.

## Metodologia

A pesquisa de natureza qualitativa etnográfica utilizou, prioritariamente, para a coleta de dados, a entrevista em “grupo focal” e a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Para melhor representação do pensamento coletivo das professoras (cultura escolar), trabalhamos com 28 professoras: 14 da Educação Infantil e 14 dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental<sup>2</sup>, com as 4 coordenadoras, duas de cada um dos setores (Infantil e Fundamental), 10 mães e/ou avós, 10 professoras da década de 70 na mesma Instituição, juízes ou pessoas neutras para minimizar a questão da subjetividade, uma vez que a pesquisadora é membro efetivo da instituição.

Para construir o DSC utilizamos o programa *QualiQuantSoft*<sup>3</sup> que nos possibilitou construir o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) dos seis grupos entrevistados. A metodologia do DSC é desenvolvida como conjunto harmônico de procedimentos conformando descritivamente a opinião de uma dada coletividade como produto “qualiquantitativo”, compondo um painel de depoimentos discursivos. A “soma qualitativa” obtida permite construir empiricamente o “pensamento coletivo” como discurso. A técnica do DSC resgata opiniões coletivas por meio do pensamento coletado em questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar.

O *Qualiquantisoft* permitiu-nos trabalhar com amostras bem selecionadas e relativamente grandes de indivíduos. Por meio dele obtivemos 42 Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) provenientes de sete categorias levantadas e dos seis grupos de pessoas entrevistadas.

O *QualiQuantSoft* permitiu-nos trazer à luz a representação das professoras e dos outros grupos de entrevistados sobre a constituição da identidade institucional coletiva das professoras,

## Fundamentação Teórica: a sociedade atual e o processo de construção identitária

A questão das identidades individuais ou grupais têm sido hoje objeto de estudos nacionais e internacionais: Araújo (2004); Bauman (2001, 2003); Berger e Luckman (2003); Castells (1999, 2001a, 2001b, 2001c); Dubar (2005); Estrela (1997); Giddens (2002); Gomes (2005); Lasch (1983); Lipovetsky (1989, 2004a); Lopes (2001), Morin e Kern (2005); Soares (2002); Taylor (1997).

No novo contexto social desenhado pela sociedade do conhecimento e da informação, velhas identidades em declínio estão gerando novas identidades flúidas, mutáveis, escorregadias, reflexo da liquidez

<sup>1</sup> No século XIX, no qual nasceu Giovanni Bosco (1815) – o fundador da Congregação Salesiana, uma nova compreensão da antiguidade como fonte de cultura originou o movimento intelectual denominado “Neo-humanismo”. No livro de Ruy de Ayres Bello: “Esboço de história da educação – desde a antiguidade arcaica até os tempos republicanos no Brasil” (1945, p. 214-222), o autor situa Giovanni Bosco (Dom Bosco) entre os neo-humanistas, em prosseguimento a Fenelon (1580), Claude de Fleury, Charles Rollin (1661-1741), na França; Matias Gesner (1691-1791), F. Augusto Wolf (1759-1824), Frederico Frobel (1782), Herbart (1776), Pe. Gregori Girard (1765), na Alemanha; Pestalozzi (1746), na Suíça; Spencer (1820), na Inglaterra.

<sup>2</sup> Quatro primeiros anos porque a escola estava ainda em regime de Ensino Fundamental de 8 anos.

<sup>3</sup> O programa *QualiQuantSoft* é um *software* desenvolvido pela Sales e Paschoal Informática em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), por intermédio da Faculdade de Saúde Pública, na pessoa dos professores Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, criadores da metodologia do DSC. Versão 1.3c buld (1000.8). Licença de uso profissional para a pesquisadora (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005a, 2005b). Para melhor compreensão do *QualiQuantSoft*, consultar artigo: CARVALHO, L. A. *Revista Perspectivas*. ISECENSA, Campos dos Goytacazes/RJ, v.6, nº 10, jul./dez. 2007.

que caracteriza os tempos hipermodernos. Nele as identidades se fazem e se desfazem à velocidade da mudança (VIRÍLIO, 1996). Faz-se necessário, pois, rever a formação de professores à luz dos novos paradigmas civilizacionais e do novo processo de construção identitária.

Este mundo globalizado de coisas, pessoas, idéias, realizações, possibilidades e ilusões vem provocando rupturas, fragmentações, contradições, desencontros em âmbito nacional e mundial, envolvendo relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais de grande alcance. Fala-se mesmo em outra história e outra geografia: “novas formas de espaço e tempo, às vezes, límpidos e transparentes, outras vezes caleidoscópios e labirínticos” (IANNI, 2003, p. 220). Assiste-se ao desaparecimento de fronteiras, ao surgimento do capital volátil, à queda do Estado-Nação e do sujeito cartesiano. Novas cartografias são desenhadas, configurando um novo mundo globalizado: o *império da não-contemporaneidade*, no qual, passado e presente se confundem com o espaço, em ritmos e direções diferentes.

Lipovetsky (1989) pinta este quadro como “paradigma individualista”, em “A era do vazio”. Refere-se a esse tempo como hipermodernidade, “sedutora leveza do ser”. Bauman (2001) o caracteriza como “tempo instantâneo”, a passagem da modernidade ‘*hardware*’ para ‘*software*’. É a era da “modernidade líquida”, em que tudo parece escapar de nossas mãos, devorado pela velocidade do tempo e a rapidez da mudança.

Paul Virílio (1996) fala-nos de um “não-lugar”, de um novo país ou continente, o da velocidade, comandado pela lógica da corrida, que toma como referência absoluta não mais a riqueza, mas a velocidade. A vida de cada um dependerá da velocidade da sua corrida, diz o autor, pois na modernidade líquida, não há lugar para funções de longa duração. O curto prazo substitui o longo prazo e faz do “momento presente” sua meta final. A transitoriedade substitui a perenidade. Tudo cai nas malhas da presencialidade; inquieta e assusta. Assiste-se à imposição do atual, do presente, do fútil, do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal e do bem-estar-material, expressão da ideologia individualista-hedonista. Lasch (1983), refere-se a este tempo como sociedade narcísica, na qual vive-se do presente e não mais em função do passado e do futuro. As pessoas já não se prendem a instituições; ao contrário, desacreditam nelas e em seus valores. Família, religião (culto) são relegadas a segundo plano.

Mas, nesse caos generalizado nem tudo está perdido. É possível vislumbrar uma sociedade oposta à permissividade imperante. Seu futuro depende dos esforços e capacidade de fazer triunfar a ética do cuidado. A propósito, Lipovetsky (2004b), considera que o maior desafio é fornecer instrumentos para que as pessoas tenham algum futuro e construam utopias. Berger e Luckmann (2003) também acenam para o poder do pensamento utópico, como capaz de transformar a realidade na imagem que dela se faz. A utopia, como a entende Hernández Sánchez (apud UÑA JUÁREZ; HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, 2004) não é idealismo vazio, mas o imediatamente possível, no sentido de que todo pensamento revolucionário é utópico. Nesta lógica, a utopia é um processo criativo de manifestações e de propostas culturais e sociais, dotadas de virtualidade para reunir em seu entorno as expectativas de grupos sociais.

Neste sentido, o pensamento de Santos, M. (2000) coincide com o de Santos, B. (2001): o mundo não é formado apenas pelo que existe, mas também pelo que pode efetivamente existir. Tais possibilidades ainda não realizadas já estão presentes como tendência ou como promessa de realização, pois o futuro é o resultado de “arranjos diferentes”, segundo o grau de consciência entre o reino das possibilidades e o reino da vontade.

É neste contexto que se formam as identidades hoje. Em meio às suas contradições, acreditamos, com Santos, B. (2001) e Santos, M. (2000), que é possível pensar na produção de um entendimento progressivo do mundo, a partir da construção das novas identidades.

Nesse sentido, Morin (2003, p. 210) acena para os “desviantes”, pessoas portadoras de germes de conhecimento, sabedoria, virtude, carisma e liderança, capazes de gerar inovações e transformações históricas. Bauman (2003) considera possível transformar a identidade humana em “dado”, “tarefa”, “missão” e responsabilizar os atores por essas causas. Elias (1994), em “*A sociedade dos indivíduos*”, mostra como os seres humanos adquirem a marca de sua individualidade a partir da história de suas relações, de suas dependências e do contexto mais amplo da história humana em que crescem e vivem.

O autor pensa essas relações em termos de rede: “uma rede de tecido”, na qual “muitos fios ligam-se uns aos outros”. Esta metáfora explica que de uma rede, constituída por muitas unidades, origina-se uma ordem que não é fruto de unidades individuais, isoladas. Para captar o dinamismo das inter-relações aí existentes, é preciso pensar a rede em movimento. É desse interjogo que nasce o indivíduo, emergindo de uma rede de pessoas, anterior a ele, a qual ele também ajudou a formar.

Bauman (1998) explica essa relação utilizando a metáfora da casa: sua estrutura não é a estrutura das pedras isoladas, mas as relações entre as diferentes pedras e/ou tijolos; o complexo das funções de cada pedra em relação às outras na unidade da casa. Cada pedra só pode ser compreendida em sua função

interferindo no todo complexo funcional da casa. Os seres humanos por sua natureza maleável e, por seu comportamento compõem o *continuum* histórico ou sociedade.

Para Taylor (1997) a identidade se constitui pelo processo de avaliação forte<sup>4</sup>. Esta permite definir o que é importante e o que não é importante para o sujeito, possibilitando-lhe discriminações das quais não se pode prescindir. Para o autor é no jogo de interpretações articuladas no espaço sociocultural que é possível captar o processo de construção das identidades individuais e coletivas. Assim, para o reconhecimento de como a identidade é construída, é preciso perscrutar o grupo e observar sua formação, não teoricamente, mas na experiência existencial, nas relações de trabalho, na convivência e no diálogo interpessoal. O estoque social do conhecimento institucional fornece os esquemas tipificadores, as estruturas básicas da ação cotidiana.

Para Berger e Luckmann (2003), o saber adquirido na vivência com o outro desenha configurações de identidades individuais e coletivas. São as interações que produzem as *tipificações*<sup>5</sup>, que se expressam em padrões de condutas e em desempenho de papéis. Essa realidade institucional construída coletivamente configura o indivíduo, produzindo nova identidade, histórica e situada, com significado no universo constituído pelo grupo a que pertence. Essas experiências de convivência, principalmente no trabalho, sedimentam-se e consolidam-se como entidades reconhecíveis, compartilhadas por todos que participam da mesma história, cujas experiências se incorporam em um acervo comum de conhecimentos, constituindo-se, assim, as identidades institucionais (BERGER, 2001).

As Instituições constituem esse espaço identitário, com seus afazeres diários, seus padrões de comportamento e a realização dos currículos de vida. Assim, as estruturas institucionais tornam-se estruturas da consciência, mediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para questões típicas.

### A escola como comunidade de vida e de destino: evidenciando os resultados da pesquisa

Segundo narrativa de Giovanni Bosco<sup>6</sup>, inspirador da educação preventiva salesiana, um acontecimento marcou decididamente sua missão: o sonho dos nove anos (CASTRO, 2002; LEMOYNE, 1898). A partir de sua mesma interpretação, este sonho se tornou o verdadeiro arquétipo da espiritualidade salesiana sentida, vivida por seus seguidores. O conteúdo de um sonho, derivado da experiência, é reproduzido ou lembrado no mesmo sonho. Mas a relação entre este e a realidade, o significado do sonho, pode permanecer oculto por muito tempo. Tem que ser procurado diligentemente e, às vezes, só vem à luz muitos anos depois. Para Soares (2002, p. 10), “o rastro de um sonho não é menos real do que o rastro de um passo e o sonho não é o oposto da realidade...”.

Gheringer (apud SOUZA, 2003) mostra que só quem está desperto, atento, em sintonia consigo mesmo, consegue transformar o que seria mera função biológica em atenção lúcida e indispensável. Assim, aconteceu com Giovanni Bosco. Seus sonhos não se perderam na história, não foram sepultados pelo esquecimento.

No tecer dos fios da memória, foi possível a leitura do significado: o sacerdócio, a juventude abandonada, marginalizada, desempregada, as oficinas profissionalizantes, a qualificação para o trabalho, o estudo, o teatro, a música, a aritmética... tantos desafios de uma realidade que se abria à globalização e cujos rastros degradantes já se faziam sentir nos becos e calçadas da velha Turim de 1842, ano em que o jovem Bosco se fez o “padre dos jovens”. No sonho dos nove anos, a pessoa do educador se encarna na metáfora do “Bom Pastor” (Jo, 10) que cuida de suas ovelhas, personaliza-as, individualiza-as e chama-as pelo nome. De um conjunto de significados nasce o Sistema Educativo de Dom Bosco arraigado no tripé: razão, religião e *amorevolezza*. Estes três elementos evidenciam o estilo salesiano de educar voltado para a totalidade da pessoa, para seu interior, metaforizado no “coração”, expressão vital de sua capacidade de amar e de dar sentido humano-cristão à realidade vivida.

Afetividade, religiosidade, espírito de família, amizade e alegria constituem valores fundamentais da Pedagogia Salesiana<sup>7</sup>. Os sonhos de Dom Bosco foram para ele verdadeiras revelações do caminho a ser percorrido. São hoje, linguagens que expressam a fisionomia da espiritualidade salesiana: sua identidade institucional.

<sup>4</sup> Avaliação forte – é aquela que está preocupada com o valor qualitativo dos diferentes desejos. Esclarece qualitativamente o que vem a ser os próprios desejos como expressões valorativas da identidade.

<sup>5</sup> Max Weber propõe a tipologia como método para chegar à compreensão dos fatos sociais. O objetivo da sociologia é a construção de tipologias baseadas em dados empíricos (Diccionario de Sociología. Uña Juárez, O. e Hernández Sánchez, A. Madrid. ESIC, 2004).

<sup>6</sup> Giovanni Bosco só escreveu e permitiu divulgação de suas memórias biográficas em adesão (obediência) à insistente solicitação do Papa Pio IX.

<sup>7</sup> *Carta de Roma 1884*: síntese do espírito que deve animar a missão salesiana.

Adquirimos a *cultura da escola* com o conhecimento e a vivência do sistema educativo de Dom Bosco que se *atualiza em nossa ação*. Temos que acompanhar os tempos (...). Trabalhamos o Sistema Educativo Salesiano, mas com visão renovada (DSC das Professoras).

Neste discurso, está implícita a idéia de uma *identidade institucional* como *cultura da escola*: conjunto de valores, crenças e atitudes que constituem a imagem da Instituição e a auto-imagem das professoras, seus pensamentos e atitudes frente à educação. As professoras acentuam o clima educativo, que elas denominam de *espírito de família e de trabalho*, sentimento de identificação com a Instituição e suas metas, dinamismo criativo, compromisso institucional de levar à frente a utopia sonhada pelos fundadores. Essa convicção é reforçada por Bauman (2003). Ele associa a utopia ao conceito de comunidade, que, por sua vez, nos remete à comunidade de destino ou de pertença, na qual se vivencia a *amorevolezza*<sup>8</sup> como expressão de amor, carinho, dedicação incondicional ao jovem<sup>9</sup>.

A atualidade desse pensamento pedagógico de Giovanni Bosco é reafirmada por educadores contemporâneos que também enfatizam a afetividade e amor como elementos pedagógicos básicos: Alves, R. (1982); Assmann (1998); Boff (2000, 2001); Chalita (2001); Morin (2001); Morin e Kern (2005); Pena-Vega e Nascimento (1999); Puig (1998); Saltini (1997); entre outros.

O carisma fundacional dos educadores salesianos constitui o modo de operar dessa equipe de professoras docentes, tipificação de uma experiência mundialmente reconhecida pela tradição de 134 anos de história.

Reinventar no cotidiano, a comunidade utópica, caracterizada pelo estilo feminino impresso por Maria Mazzarello ao Sistema Educativo de Giovanni Bosco, é levar à frente o carisma congregacional das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) ou Irmãs Salesianas. Com ele, as professoras se identificam e sinalizam sua identidade institucional de pertença e o sentido de continuidade histórica.

O *espírito de família* é elemento-chave do carisma institucional, pressupõe a *amorevolezza*, que é sinceridade no amor, confiança recíproca, atenção aos mais necessitados, comunicação e diálogo que possibilitam a comunhão e transparência nas relações (TIMOSSI, 1999). Pode-se dizer que a utopia anunciada e vivida por Cristo se faz *topia*, encontra chão na prática pedagógica das professoras:

Vivemos o trabalho coletivamente (...). Nossa garra e espírito de trabalho nos tornam diferentes. Estamos sempre estudando, pois, a escola leva muito em conta a formação. Somos uma equipe que luta e inova. O trabalho nos mantém unidas (DSC das Professoras).

Weber (1980 apud UÑA JUÁREZ; HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, 2004) destaca os líderes carismáticos pela capacidade de governar e inspirar, pela força da personalidade e da persuasão. Na concepção de liderança carismática inserimos os fundadores da Família Salesiana, Giovanni Bosco e Maria Mazzarello: habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir objetivos identificados como sendo para o bem comum (HUNTER, 2004). As professoras vêm na Diretora da Escola as características do líder carismático. Disponibilidade, flexibilidade, criatividade, adaptabilidade, audácia e mudança caracterizam a atual Diretora da Escola.

A Diretora Geral da Escola está sempre presente aos nossos eventos apoiando-nos e proporcionando-nos condições para realizá-los. Esse reconhecimento nos faz desejar o melhor e buscar sempre a qualidade.

O elemento festa é outro elemento ressaltado como componente essencial na pedagogia salesiana, e que faz parte do cotidiano da escola.

(...) Oportuniza a experiência da vida como festa, pela vivência do espírito de família, que é o oxigênio da pedagogia salesiana. Neste clima, e, para gerá-lo e alimentá-lo, realizam-se atividades complementares essenciais como teatro, música, dança, esportes, celebrações, entre outras.

Brandão (2004 apud KATRIB, 2004) afirma que festa é fala, memória, mensagem, uma vez que leva as pessoas a viverem no lugar festivo, o tempo simbólico que interrompe o cotidiano, inserindo um novo significado e sentido às vivências dos sujeitos naquele momento.

<sup>8</sup> *Amorevolezza* é uma palavra italiana de difícil tradução. Pode ser compreendida como bondade, carinho, afeto, amor demonstrado (Braidó, 1995), benevolência (Brocardo), promoção e reciprocidade (Bosco, G. Carta de Roma, 1884) e Presença Pedagógica (Afonso de Castro, 2002).

<sup>9</sup> Jovem no sentido de pessoa suscetível de educabilidade: criança, jovem, adulto educável.

Para que a ação educativa salesiana seja significativa também para o contexto histórico, político, econômico e social de hoje, em qualquer escola, pública ou privada, precisa ser convalidada pela fidelidade à própria missão educativa e a seu espírito e pedagogia. Fidelidade ao carisma dos fundadores não significa repeti-los, mas ser fiel à história e aos sinais dos tempos.

Assim se constitui a comunidade de destino de que nos falamos Morin e Kern (2005), em seu livro *Terra-Pátria*. Eles se referem à esta “identidade comum”, associada à idéia de comunidade de origem e comunidade de destino. A idéia de comunidade de destino, para os autores, vem da era planetária. A identidade, vista na perspectiva de comunidade de vida e de destino, supõe a compreensão do que tem verdadeira importância para os sujeitos: compromissos assumidos, discursos, opção de vida, tradição, postura e auto-definição, de tal modo que cada elemento se torna imprescindível no todo:

A Escola é como uma orquestra, os diversos instrumentos são as diferentes professoras, cada uma contribuindo a seu modo, para a harmonia do todo. Mas tem que ter regente, pois o trabalho, a competência dependem da coletividade e de seus talentos orquestrados (DSC das Professoras).

Da singularidade à universalidade foi o caminho, a travessia feita pelas professoras, um processo lento de luta e conquista do reconhecimento e construção de si, como sujeitos singulares, mas ao mesmo tempo plurais, individuais e universais.

### **Recolhendo os achados da pesquisa**

Refazendo o caminho da pesquisa, foi possível captar o *processo* que *constituiu e mantém a identidade institucional coletiva* das professoras e retirar da sua concretude o significado subjetivo que a sustenta e que poderá contribuir para repensar a formação contínua de professores, em qualquer realidade, seja particular ou pública. Esse processo foi intuído como utopia, sonho, esperança de construir uma comunidade de destino, elemento de coesão pessoal e social - realidade construída e “experenciada” pela equipe de professoras objeto de nossa pesquisa.

Partindo dos questionamentos levantados e de nossas análises empíricas constatamos que subjacente a esta utopia acima acenada está o *carisma salesiano* como *missão-vocação*. As educadoras identificadas coletivamente com o carisma institucional o encarnam na realidade concreta cotidiana.

A ênfase na identidade institucional coletiva é produto da atividade criativa e da negociação das pessoas na escola. Situação que, segundo Lopes (2001, p. 356), marca os *selves* institucionais das professoras e sua adequação em relação aos *selves* substanciais por meio das transações identitárias. Fnda-se na *partilha*, na *cooperação* e na *comunhão* de crenças, valores, compreensões, atitudes, significados, normas, símbolos, rituais e cerimônias; ela é constituída das *ações* institucionais tipificadas, geradoras de novas identidades, articuladas e unificadas por uma causa comum. Funciona como elo de coesão e instrumento de personalização, porque possibilita o reconhecimento, confirma identidades, gera pessoas autônomas e comprometidas com a emancipação, cientes de sua “maioridade” (KANT, 1974).

A experiência da vida como festa é a expressão da mística salesiana assumida pelas professoras. A escola não pode prescindir da “festa” como componente curricular. Ela expressa a dimensão erótica da pedagogia, transformando o cotidiano da sala de aula em *poiésis*. Toda a vida presente da Instituição está carregada de memória, prenhe de passado; há nela um impulso e uma interrupção, uma incubação e uma antecipação do que ainda não veio a ser (BLOCH, 2005, p. 14). Seu desafio é construir comunidade, não somente, constituir um grupo de trabalho. Há algo mais que sustenta um sonho: a mística, o amor que é dedicação, acolhida, compromisso, fonte de comunicação recíproca, ternura, sintonia, comunhão. As normas institucionais são incorporadas e se transformam em *postura atitudinal* do profissional. O *sentimento de pertença* que advém da identificação com a instituição, abre caminhos para a inovação e criatividade no desempenho dos papéis e/ou funções ocupacionais.

A escola como comunidade de referência ou de destino supõe a idéia de identidade comum. As relações interpessoais funcionam em redes, interligadas por objetivos afins. No âmago da questão está a necessidade de *ser-com-os-outros*, de interagir, de ser reconhecido.

Das considerações feitas infere-se que a carreira dos professores há que se desenvolver por referência a duas dimensões complementares: a individual, centrada na natureza do eu, construído a nível consciente e inconsciente, e a *grupal* ou *coletiva*, construída sobre as representações do campo escolar, influenciando e determinando aquelas. Não falamos de qualquer identidade coletiva, mas de uma identidade coletiva dialetizada, que privilegia o caráter antropológico, isto é, consciente, co-responsável, coordenado por uma antropológica voltada para a pessoa e para o mundo.

Neste mesmo sentido ressaltamos o valor formativo da *ecologia escolar* na formação de professores. Ela constitui uma das “geniais instituições de Giovanni Bosco e Maria Mazzarello”. Oportunizam ambiente favorável para experimentar propostas e valores, encontrar pessoas apaixonadas pela

missão educativa, sensíveis às alegrias e aos sofrimentos do outro. Ambientes nos quais se pode expressar e desenvolver as próprias potencialidades, lugares onde a vida cresce e se respira esperança (FMA, 2006).

Em *Princípio Esperança II* (2006), Bloch faz um longo inventário dos sonhos e utopias que marcaram a trajetória dos povos nos mais diversos momentos históricos. A partir do passado e do presente desenha os contornos de um futuro possível, carregado de esperança. Raiz da esperança é o sentimento da incompletude, do “que-ainda-não-é”, mas que “poderá-vir-a-ser”, idéia força da pessoa humana voltada para o futuro. Se o sonhar acordado (BLOCH, 2005) é uma maneira de se transcender, escapando à objetividade coisificante dos desejos, atingi-los é um risco, porque pode levar à imobilidade e à sensação de plenitude alcançada.

A utopia compreende as aspirações pelas quais o homem ultrapassa os limites de sua condição e se desenvolve ilimitadamente na busca do Bem. Para Furter (1973), a esperança não é um fenômeno natural, mas uma virtude, no seu sentido original de força interior; implica a construção da consciência moral. A visão cristã do autor, leva-o a conceber a esperança como garantia do possível e a promessa de um significado para a existência como possibilidade.

Hans Jonas (2004a, 2004b), voz e consciência voltadas para o futuro, partilha com Bloch a política da utopia que pressupõe uma escatologia dinâmica da história. Ele aponta para a comunidade de destino na qual as pessoas partilham objetivos, crenças, valores afins em vista de uma causa conjuntamente assumida.

Para Morin e Kern (2005, p. 131) “a fraternidade é condição para se viver a comunidade de destino”. Eles acenam para a poética da vida: um modo de viver a comunhão universal.

A utopia cristã firma-se não só em uma garantia, como diz Furter (1973, p. 224), *mas em uma pessoa: o Cristo transcendente*. Em Bloch a esperança é do homem e não no homem; uma esperança sem garantia, construída racionalmente no pensamento utópico que tem sua base no materialismo dialético.

A esperança cristã tem uma finalidade: o reino de Deus e o rosto de Cristo, no qual o homem coloca sua confiança, para além das dúvidas e fracassos. Essa é a utopia que mantém o sonho dos fundadores da Congregação Salesiana e de seus seguidores; a *alma-mater* da construção da identidade institucional coletiva das professoras, apontando para uma nova educação e nova solidariedade.

As professoras evidenciaram com clareza seu sentido de pertença e de identidade institucional coletiva como um modo de “*ser-institucional*”, um modo de ser e fazer partilhado, dialogado, construído juntas. É a própria esperança entendida como maneira de viver a vida, de que nos fala Furter (1973, p. 95): “a esperança tem suas raízes em nossa maneira de ser no mundo”.

Em seu cotidiano pedagógico, as professoras, conseguiram, pela reflexão, transformar sentimentos e desejos em ação concreta, que se faz no tempo presente, recompondo a tradição, reorientando-a para o futuro. Desejos, sonhos, utopias fazem da pessoa humana um ser de aspirações: um ser preocupado com o que ainda não é (FURTER, 1973, p. 96).

Sonhar dormindo ou sonhar acordado na vida cotidiana é segundo Bloch (2005) o modo mais simples de se transcender, de transformar desejos em realizações efetivas.

A identidade da Instituição é a nossa identidade (...). A instituição evolui sempre, mas não perdeu a essência do carisma original, mas o atualiza... (DSC das professoras).

Estamos falando, tanto da filiação identitária, da remobilização da memória, do novo modo de identificação coletiva, quanto da comunhão, do espírito de família e da *amorevolezza* no processo que constitui essas identidades das professoras e as tornam “ser-para-os-outros”.

É neste sentido que entendemos a arquitetura da esperança de uma nova civilização na qual o “tu” absoluto desvenda o “eu” personalíssimo, singular e universal. Este, arraigado no “tu” divino, ganha abissalidade, irredutibilidade e sacralidade imersa no universo histórico da existência.

O caminho dessa comunhão transpessoal parte da unidade com o todo orgânico, uno e diverso. Boff (2004, p. 133) é um convite às professoras para a identificação com a mãe-terra, pois “sua missão reside em poder captar os mil ecos dessa voz que reboa de ponta a ponta do universo e que vibra em cada ser; convite a ser sinfônicos e participar dessa imensa orquestra cósmica”.

Na escuta do magistério do universo e na aprendizagem de sua sinfonia podem as professoras realizar sua missão humana, tornando-se seres de comunhão e integração, completando seu processo de identidade pessoal institucional e cósmica, ligadas e re-ligadas umas às outras e ao todo. Esta é a grande utopia de todo professor-educador. Como utopia, tem a força irresistível da primavera quando madurou o fruto de sua irrupção (BOFF, 2004, p. 154).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1982.
- ARAÚJO, P. R. M. *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2004.
- ASSMANN, H. *Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERGER, P. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Tradução Donaldson M. Garschagen. 23.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A Construção Social de Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 23.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- BLOCH, E. *O princípio esperança I*. Tradução Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O princípio esperança II*. Tradução Werner Fuchs. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- BOFF, L. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. 3.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 7.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A voz do arco-íris*. Rio de Janeiro: Sextane, 2004.
- CASTELLS, M. *O Poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *La era de la Información: fin de milenio*. 3.ed. Madrid: Alianza, 2001a.
- \_\_\_\_\_. *La era de la Información: economía, sociedad y cultura – el poder de la identidad*. 5.ed. Madrid: Alianza, 2001b. v. 2.
- \_\_\_\_\_. *La era de la Información: la sociedad en red*. Madrid: Alianza, 2001c. v. 1.
- CASTRO, A. *Carisma para educar e conquistar: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana*. São Paulo: Salesiana, 2002.
- CHALITA, G. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.
- DUBAR, C. *A Socialização: construção de identidades sociais e profissionais*. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ESTRELA, M. T. (org.). *Viver e construir a profissão docente*. Porto/Portugal: Ed. Porto, 1997.
- FMA. INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. *Para que tenham vida e vida em abundância*. Linhas orientadoras da missão educativa das FMA. Tradução Ir. Joana D'Arc. Torino/Roma: ELLEDICI, 2006.
- FURTER, P. *Educação e vida*. 6.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1973.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, M. B. *A cultura como dupla mediação social*. Disponível em: <<http://www.comidia.ufrn.br/conteudo/artigo.html#art3>>. Acesso em: 25 set. 2005.
- HUNTER, J. C. *O Monge e o Executivo*. Rio de Janeiro: Sextane, 2004.
- IANNI, O. *Teorias da Globalização*. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- JONAS, H. *El principio de responsabilidad: ensayo de una ética la civilización tecnológica*. Tradução Fernández Retenaga. 2.ed. Barcelona: Herder, 2004a.

- \_\_\_\_\_. *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004b.
- KANT, I. *Textos Seletos*. Tradução Raimundo Vier. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974.
- KATRIB, C. M. I. *Caminhando pela festa*. 2004. Disponível em: <<http://www.cesuc.br/revista/ed-6/CAMINHANDOPELAFESTA.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2006.
- LASCH, C. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de espaço em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. *Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. 2.ed. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2005b.
- LEMOYNE, G. B. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*. Torino: Scuola Tipografica Salesiana, 1898. v. 1.
- LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução Miguel Serras Pereira; Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'água, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004b.
- LOPES, A. *Libertar o Desejo, Resgatar a inovação: a construção de identidades profissionais docentes*. Porto/Portugal: IIE, 2001.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. Silva; Jeanne Sawaya. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O método 5: a humanidade da humanidade, a identidade humana*. Tradução Juremir Machado da Silva. 2.ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2003.
- \_\_\_\_\_; KERN, A. B. *Terra-Pátria*. Tradução Paulo Neves. 5.ed. Porto Alegre/RS: Sulinas, 2005.
- PENA-VEGA, A.; NASCIMENTO, E. P. (orgs.) *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. São Paulo: Garamond, 1999.
- PUIG, J. M. *A construção da personalidade moral*. Tradução Luizete Guimarães Barros e Rafael Camolinga Acarraz. São Paulo: Ática, 1998.
- SALTINI, P. J. C. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- SANTOS, B. (org.). *A globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói/RJ: EDUFF, 2001.
- SANTOS, M. *Por uma globalização: do pensamento único à consciência universal*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SOARES, J. C. Em busca de uma “razão sensível” no reino da cultura de massa. Mimeo. Logos. *Comunicação e Universidade*, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002, vol. 9, n. 17, p. 7-18.
- SOUZA, C. *Você é tamanho de seus sonhos: estratégia para conscientizar projetos pessoais, empresariais e comunitários*. São Paulo: Gente, 2003.
- TAYLOR, C. *As fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Tradução Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola: 1997.
- TIMOSSI, L. *Libertar em nós o carisma salesiano para vivê-lo e comunicá-lo no Terceiro Milênio*. Impreso. Bueno Aires: Casa de Ejercicios Espirituales Maria Auxiliadora, 1999.
- UÑA JUARÉZ, O.; HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, A. *Diccionario de Sociología*. Madrid: ESIC, 2004.
- VIRILIO, P. *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.